



INSTITUTO PIAGET

Campus Académico de Vila Nova de Gaia

Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo

(Decreto-Lei n.º 468/88, de 16 de Dezembro)

Psicossociologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Aprendizagem: a inteligência e a motivação no desenvolvimento educativo.

- Hugo Santos; Daniela Azevedo e Bruno Alvim
- 1º ano de Mestrado em Educação Musical
- Instituto Piaget

Janeiro 2012



INSTITUTO PIAGET

Campus Académico de Vila Nova de Gaia

Escola Superior de Educação Jean Piaget – Arcozelo

(Decreto-Lei n.º 468/88, de 16 de Dezembro)

Psicossociologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Aprendizagem - a inteligência e a motivação no desenvolvimento educativo

Docente: Prof. Doutor Victor Reis

Discentes: Bruno Alvim, Daniela Azevedo e Hugo Santos

Canelas, Janeiro 2012

Índice

Introdução	4
O que é a aprendizagem?	6
Factores que condicionam o ensino/aprendizagem	7
Tipos de Aprendizagem	8
Quatro crenças relativas à aprendizagem segundo Pinto:.....	9
Duas escolas principais do pensamento.....	9
Inteligência	9
O que é a Inteligência?	9
Dimensões da Inteligência	10
Inteligências múltiplas de Gardner	10
Modelos de inteligências segundo Sternberg	11
Inteligência Emocional.....	12
Competências emocionais	12
Testes de mediação da Inteligência- O QI	13
Fatores de Inteligência.....	14
Conceito de Motivação.....	14
Ciclo motivacional:.....	17
Qual é o motivo pelo qual um indivíduo se comporta de uma maneira e não de outra?.....	17
Componentes da motivação	18
Motivação intrínseca	19
Motivação extrínseca.....	20
Fatores motivacionais.....	21
A motivação musical na perspetiva de diferentes autores	21
Porque é que as crianças têm diferentes performances musicais?	21
Porque é que umas crianças estudam mais do que outras?	21
A importância da Motivação para a aprendizagem musical	22
A importância do professor como processo motivador.....	25

Estilos de Ensino segundo Mosston.....	26
Conclusão.....	26
Bibliografia.....	28
Sitografia.....	29

Introdução

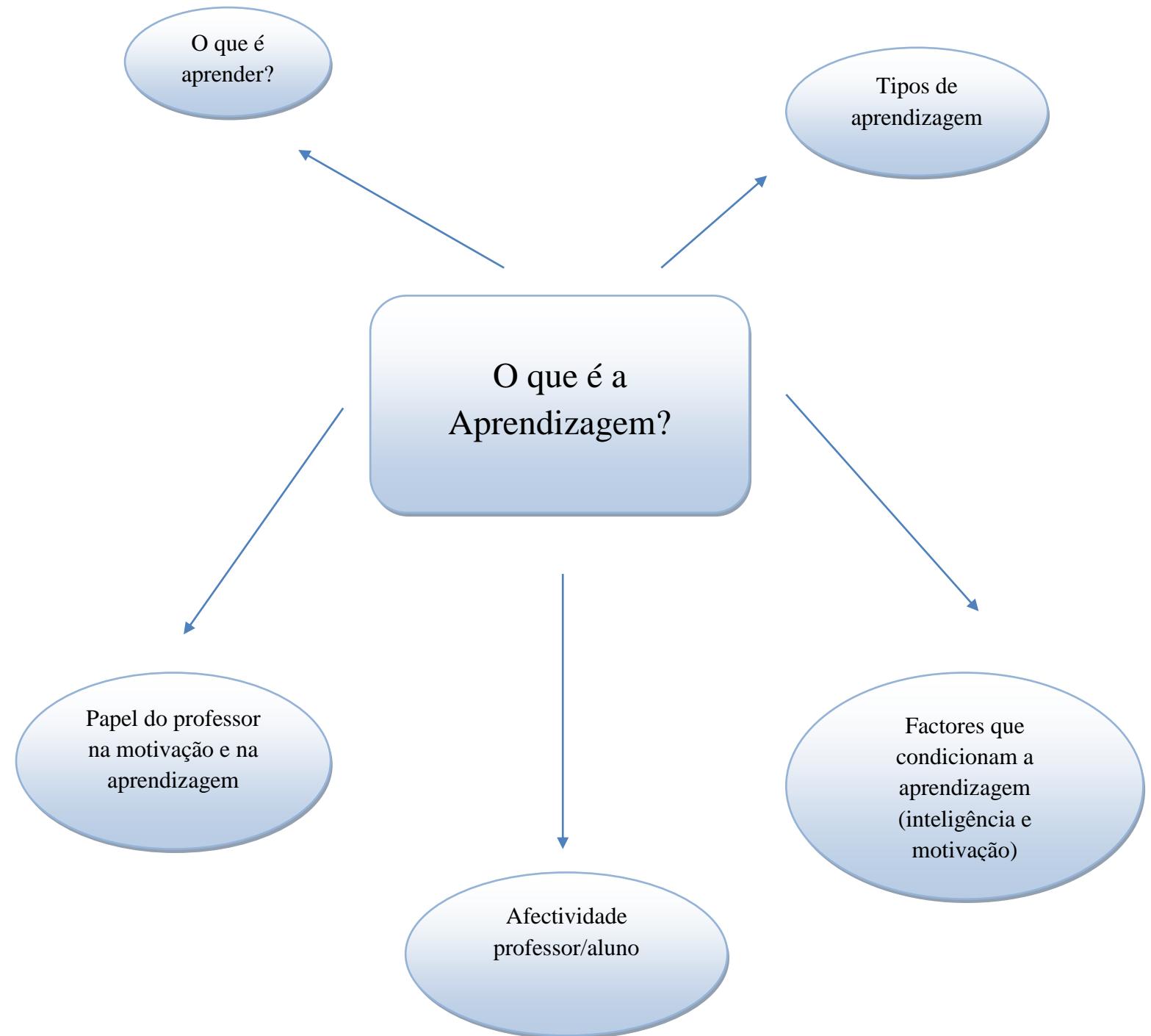
O presente trabalho foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Psicossociologia e Desenvolvimento da Aprendizagem. Tem como finalidade abordar e tentar clarificar a temática Aprendizagem, os fatores que condicionam e a importância da motivação para o seu desenvolvimento.

A aprendizagem, a inteligência e a motivação, são paradigmas complexos que necessitam de ser analisados com todo o cuidado tendo em conta a realidade onde são estudados, São conceitos abrangentes e dependentes de outros fatores. São conceitos que dada a sua complexidade são de difícil entendimento. São conceitos que se encontram relacionados e que não podem ser vistos de forma isolada.

Com o desenvolvimento do trabalho, pretendemos apresentar definições e prespetivas que vão de encontro á temática e mostrar de que forma se relacionam.

Uma vez que a nossa área é a música, consideramos que é pertinente estabelecer uma ligação que nos permita perceber a relação da temática com a música de forma a encontrarmos as melhores estratégias para a obtenção do sucesso no processo de Ensino/Aprendizagem da música.

O que é a aprendizagem?



Factores que condicionam o ensino/aprendizagem

O que é a aprendizagem?

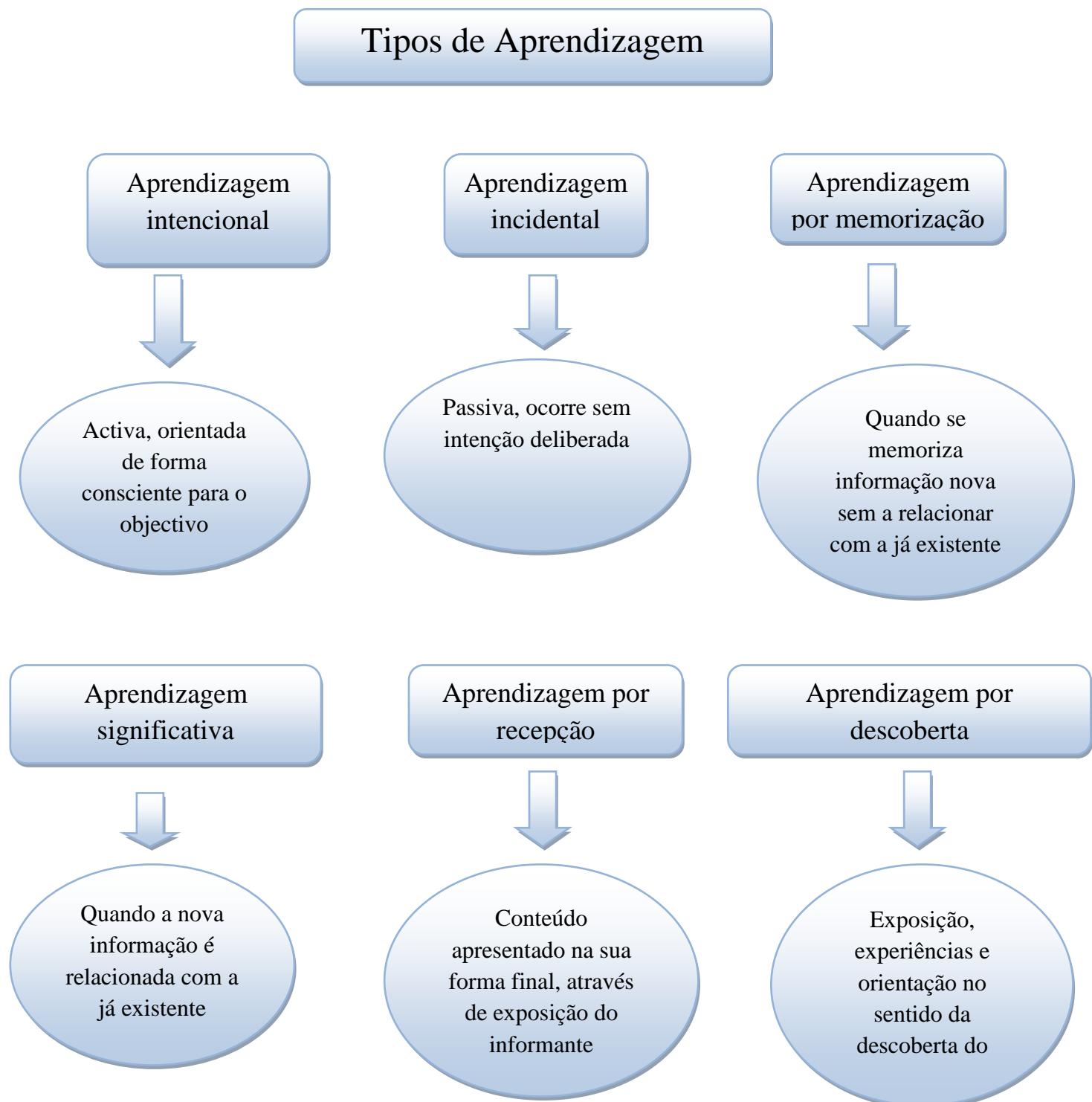
“Aprendizagem é o termo utilizado para descrever o processo envolvido na modificação através da experiência. É o processo de aquisição de modificação permanente na compreensão, atitude, conhecimento, informação, habilidade e competência através da experiência”. Wittrock (1977, in Good & Brophy, 1990)

A aprendizagem é um conceito de grande complexidade. Não podemos dizer que exista uma definição base e única para este conceito que é aprender. Aprender é o resultado de vários aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. A aprendizagem é o resultado da criação de aptidões para a aquisição de conhecimentos científicos ou não científicos.

“A aprendizagem é a modificação relativamente permanente na capacidade de realização, adquirida através da experiência. A experiência pode envolver interacção com o ambiente externo, mas envolve também processos cognitivos.” (Good & Brophy, 1990)

Tendo como exemplo um aluno que frequente um determinado grau académico, podemos dizer que, o seu processo de aprendizagem desenvolve-se dependendo da sua estrutura cognitiva. Os conhecimentos que determinado aluno apresenta depende do seu processo de aprendizagem, processo esse que tem de ser contínuo, para que, a “absorção” de conhecimento nunca tenha uma rotura. O processo de aprendizagem de um indivíduo começa no seu nascimento até ao fim da sua vida.

Tipos de Aprendizagem



Quatro crenças relativas à aprendizagem segundo Pinto:

- A aprendizagem não se relaciona apenas com o conhecimento factual;
- A aprendizagem não é sempre correcta;
- A aprendizagem não é necessariamente intencional e deliberada;
- Aprendizagem é um construtor teórico, não pode ser observado directamente.
(Pinto, 1997)

Duas escolas principais do pensamento:

- Aprendizagem por associação: esta aprendizagem é o resultado da geração de respostas através de estímulos. “Cães que salivam quando ouvem o abre-latas abrir a lata para da sua comida (...)” (Sprinthall & Sprinthall, 1993, p. 206)
- Aprendizagem cognitiva: a reorganização de ideias/raciocínios permite a aprendizagem da resolução de novos problemas. “Um aluno (...) que subitamente percebe que a multiplicação é uma sucessão de adições (...)”. (Sprinthall & Sprinthall, 1993, p. 206)

Inteligência

O que é a Inteligência?

“O conjunto de capacidade do indivíduo para actuar com propósito, pensar racionalmente, e para lidar eficazmente com o meio ambiente”
(Wechsler, 1944).

A inteligência não é uma questão só teórica. Ela tem implicações na forma como nos vemos a nós próprios e aos outros, especialmente aos outros diferentes de nós, seja em termos de capacidade, de classes sociais ou de cor de pele.

Podemos definir inteligência de forma global como a capacidade de qualquer ser de regular e de ajustar o seu comportamento às circunstâncias internas e externas, aos problemas e desafios que o meio lhe coloca. Por isso, qualquer ser vivo possui esta capacidade.

Não se pode reduzir a inteligência apenas à capacidade de aprender e utilizar aquelas habilidades que nós, ocidentais, estamos habituados a aprender. A apesar de a questão não estar definitivamente resolvida, a maioria dos especialistas parece concordar que os padrões de capacidades variam de pessoa para pessoa.

Dimensões da Inteligência

Existem diferentes perspectivas sobre a origem e o desenvolvimento da inteligência.

Piaget considera a inteligência como uma construção progressiva dependente de quatro fatores:

- Maturação do sistema nervoso: a inteligência decorre de mecanismos biológicos de adaptação. Os centros nervosos vão-se diferenciando e interligando permitindo uma maior complexidade.
- Ação sobre os objetos: importância da ação no processo de desenvolvimento. As experiências físicas com objetos e situações presentes tornam-se diferenciadas e interiorizadas até serem lógico-matemáticas, o nível mais elaborado.
- Os fatores sociais: relacionam-se com as experiências sociais das pessoas. Através delas desenvolvemos a linguagem, a inteligência, a cooperação com os outros e um conjunto de regras que vão sendo progressivamente interiorizadas e estruturadas. Inclui aqui ação da educação formal e informal.
- A equilibração: trata-se de um mecanismo interno, comum a todas as pessoas e cujo objetivo será garantir que o desenvolvimento cognitivo seja uma evolução dirigida, ou seja, é um fator estruturador e direcional do desenvolvimento. É uma auto-organização.

Inteligências múltiplas de Gardner

Gardner define a inteligência como a “capacidade de resolver problemas ou de criar produtos que são significados para um ou mais grupos culturais.”

Gardner propõe que a inteligência é o resultado de múltiplas capacidades mas, possuem diferentes tipos de inteligência. Segundo ele existem sete tipos diferentes de inteligência:

- Inteligência linguística: utilizada quando lemos, escrevemos e na compreensão da linguagem.
- Inteligência musical: utilizada quando apreciamos, compomos ou executamos música.
- Inteligência lógico-matemática: utilizada nos cálculos numéricos, aritméticos e no raciocínio lógico.

- Inteligência espacial: utilizada na percepção espacial dos objetos, na arte visual e no nosso posicionamento no espaço.
- Inteligência corporal: utilizada nos desportos, dança ou simplesmente nos movimentos e destrezas do quotidiano.
- Inteligência interpessoal: utilizada na relação com os outros, na interpretação de sinais sociais e na previsão de situações sociais.
- Inteligência intrapessoal: utilizada na compreensão e na previsão do nosso próprio comportamento e na identificação de aspectos do **Eu** e da nossa personalidade.

Têm sido feitas muitas críticas a este modelo, Gardner não explica como as diferentes inteligências se articulam e evoluem no contexto social cultural. A linguagem é vista como uma competência cognitiva e individual.

Modelos de inteligências segundo Sternberg

Sternberg estabelece um modelo da inteligência, propondo a existência de três tipos de inteligência que, trabalhando em conjunto, estariam na base dos comportamentos inteligentes.

- A inteligência contextual: relaciona-se com o contexto sociocultural, quer dizer que está na base da seleção dos comportamentos apropriados à adaptação ao meio.
- A inteligência experiencial: relaciona-se com tudo o que na nossa experiência passada influencia a forma como resolvemos as situações ou os problemas. Ao longo da vida, vamos ganhando conhecimentos e competências como resultado da experiência. Sternberg afirma que, esta inteligência manifesta-se fundamentalmente, a dois níveis: na capacidade de lidar com as situações e na capacidade de automatizar o processamento da informação.
- A inteligência componencial: comprehende todos os mecanismos cognitivos que estão na base do funcionamento da inteligência. Os mecanismos cognitivos seriam de três tipos: meta componentes, componentes comportamentais e a aquisição de conhecimento.

Qualquer teoria da inteligência humana tem que ter em conta a diversidade e a multiplicidade das culturas humanas.

Inteligência Emocional

“Capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos.” (Goleman, 1999)

As emoções têm efeitos importantes na adaptação e têm poderosos efeitos na cognição, tanto nos processos de pensamento, como no conteúdo do pensamento. Tanto a inteligência como a emoção são funções que auxiliam o organismo a adaptar-se ao meio, fazendo intencionalmente com que as emoções trabalhem a nosso favor, usando-as como um apoio ao comportamento e raciocínio, de forma a aperfeiçoar os resultados.

“ Inteligência Emocional é a capacidade de perceber e exprimir a emoção, assimilá-la ao pensamento, compreender e raciocinar com ela, e saber regulá-la em si próprio e nos outros.” (Mayer e Salovey, 2000)

A capacidade de processar as informações emocionais e utilizá-las favoravelmente no processo de adaptação.

Como a Inteligência Emocional é apreendida ao longo da nossa vida, à medida que as pessoas desenvolvem fortes competências emocionais.

Competências emocionais

As competências emocionais são classificadas em cinco categorias:

- Auto consciência Emocional: Conhecer as nossas próprias emoções e sentimentos quando ocorrem.
- Gestão das Emoções: Lidar com os sentimentos de forma a torná-los apropriados a situações vividas e que gerem reações apropriadas.
- Auto motivação, autocontrolo: É essencial pôr as emoções ao serviço de uma meta.

- Empatia, Reconhecer Emoções: mais sensibilidade aos sentimentos e perspetivas dos outros melhorando a capacidade de interação.
- Gestão dos Relacionamentos: habilidade em lidar com o nosso relacionamento com os outros.

Testes de mediação da Inteligência- O QI

A escala Métrica de Binet e Simon foi o primeiro instrumento a medir, através de testes, as capacidades mentais.

O Quociente de Inteligência é a razão entre a idade mental, avaliada pela aplicação de testes, e a idade cronológica.

$$\text{Fórmula do QI: } Q.I = \frac{IM}{IC} \times 100$$

O Quociente Intelectual, QI, resulta de um teste de inteligência que indica como é que as pessoas se posicionam umas face às outras, relativamente à sua inteligência, quantificando-a. O uso deste tipo de testes é controverso porque a inteligência não pode ser medida dada a dificuldade em defini-la. Por outro lado, foi feito um uso inadequado deste tipo de testes que conduziu à discriminação daqueles que estão menos familiarizados com a cultura onde são aplicados

A origem da inteligência tem provocado controvérsias ao longo do tempo. As teses hereditaristas defendem que as diferenças entre as pessoas se devem àquilo que herdaram dos seus progenitores, enquanto as teses ambientalistas defendem que se devem às diferenças de meio.

Hoje em dia este debate é considerado sem sentido, uma vez que se reconhece a importância destes dois fatores no desenvolvimento da inteligência, não sendo ainda possível perceber claramente como se relacionam.

O Quociente de Inteligência é calculado a partir da comparação da pontuação da criança com as médias das outras crianças da mesma idade. Para os adultos compara-se com a média da população em geral.

Fatores de Inteligência

- Hereditariedade: a herança genética contribui ao nível das capacidades intelectuais.
- Fatores sociais: relacionam-se intimamente com a hereditariedade, o meio sociocultural da família influencia o desenvolvimento da inteligência.
- Idade: a inteligência manifesta-se de forma diversa segundo o desenvolvimento e a idade.
- Expectativas: o indivíduo é muito influenciado nos aspectos intelectuais pelas expectativas criadas sobre ele pelas pessoas mais significativas; tende a ajustar-se-lhes.
- Meio Social: é um fator que influencia, estimulando ou dificultando, o desenvolvimento da inteligência. A família, a escola e o contexto social mais alargado podem favorecer ou dificultar o desenvolvimento da capacidade de ser inteligente. Os fatores sociais são determinantes na modelação do potencial genético que pode ser ou não desenvolvido.

Conceito de Motivação

A palavra motivação vem do latim *movere*, que significa "mover". A motivação é, então, aquilo que é suscetível de mover o indivíduo, de o levar a agir para atingir algo (o objetivo), e de lhe produzir um comportamento orientado.

"A motivação representa o aspecto dinâmico da acção: é o que leva o sujeito a agir, ou seja, o que o leva a iniciar uma acção, orientá-la em função de certos objectivos, a decidir a sua prossecução e o seu termo." (Fontaine, 1990, p. 97)

É um conjunto de forças internas que mobilizam o indivíduo para atingir um dado objetivo como resposta a um estado de necessidade, carência ou desequilíbrio.

"... a motivação é uma grandeza vectorial, pois define-se por uma direcção (necessidade e finalidade) e por uma intensidade (pulsão ou impulso) maior ou menor conforme o grau de energia motivacional." (Rodrigues, 1985, p. 47)

A motivação apresenta-se como o aspeto dinâmico da ação. É o que leva o sujeito a agir, ou seja, o que o leva a iniciar uma ação, a orientá-la em função de certos objetivos, a decidir a sua persecução e o seu termo. A motivação é, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente,

a necessidade e o objeto de satisfação. Isto significa que, na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. A motivação está também incluída no ambiente que estimula o organismo e que oferece o objeto de satisfação. Segundo Bock (1999), uma das grandes virtudes da motivação é melhorar a atenção e a concentração, nessa perspectiva pode-se dizer que a motivação é a força que move o sujeito a realizar atividades. Ao sentir-se motivado o indivíduo tem vontade de fazer alguma coisa e torna-se capaz de manter o esforço necessário durante o tempo necessário para atingir o objetivo proposto.

“A motivação para a realização terá um efeito positivo sobre o nível de realização do aluno, desde que este seja confrontado com tarefas de dificuldade média que aliam a mais alta expectativa de sucesso possível com mais alto nível de satisfação suscitado por este sucesso.” (Fontaine, 1990, p. 104)

Diante desse contexto percebe-se que a motivação deve ser considerada pelos professores de forma cuidadosa, procurando mobilizar as capacidades e potencialidades dos alunos a este nível.

Torna-se tarefa primordial do professor identificar e aproveitar aquilo que atrai a criança, aquilo que ela gosta, como modo de privilegiar os seus interesses. Motivar passa a ser, também, um trabalho de atrair, encantar, prender a atenção, seduzir o aluno, utilizando o que a criança gosta de fazer como forma de a cativar para o ensino. O professor deve descobrir estratégias, recursos para fazer com que o aluno queira aprender, deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado a aprender.

Segundo Bock (1999), ao estimular o aluno, o educador proporciona-lhe um desafio - aprendizagem - e também motivação, onde os motivos provocam o interesse para aquilo que vai ser aprendido. É fundamental que o aluno queira dominar alguma competência. O desejo de realização é a própria motivação, assim o professor deve fornecer sempre ao aluno o conhecimento dos seus avanços, captando a atenção.

“O professor encontra-se numa posição particularmente vantajosa em relação aos conflitos motivacionais, porque, para além dos pais, provavelmente mais ninguém tem a oportunidade única de observar a criança durante tantas horas e numa variedade tão grande de situações.” (Sprinthall & Sprinthall, 1993, p. 521)

A motivação deve receber especial atenção e ser mais bem considerada pelas pessoas que mantêm contato com as crianças, realçando a importância desta esfera no seu desenvolvimento. A motivação é energia para a aprendizagem, o convívio social, os afetos, o exercício das capacidades gerais do cérebro, da superação, da participação, da conquista, da defesa, entre outros. “A motivação implica também as relações entre colegas, de forma a que se interessem uns pelos outros.” (Drew et all. 1987, p.66)

Pais ou cuidadores, educadores e especialistas que lidam com as crianças podem levar em conta a construção motivacional na infância, antevendo as suas decorrências futuras, tais como a auto percepção e o hábito de desenvolver a motivação intrínseca, reduzindo a necessidade de procurar motivação extrínseca para a realização de alguma tarefa. A curiosidade é um elemento fundamental do processo de ensino\aprendizagem, ao ser despertado ela contribui para a motivação dos alunos na procura dos conhecimentos. A motivação para aprender está envolvida em múltiplos fatores, que se implicam mutuamente e que embora possamos analisá-los separadamente, fazem parte de um todo que depende, quer na sua natureza, quer na sua qualidade, de uma série de condições dentro e fora da escola. Os métodos utilizados pelos professores na sala de aula para alcançar os objetivos da disciplina, muitas vezes não são eficazes, isso mostra que mesmo tendo o professor domínio total do conteúdo da disciplina, ele está condicionado à estrutura organizada a qual leciona.

A motivação é um processo que se dá no interior do sujeito, estando, entretanto, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, principalmente, professores e colegas. Nas situações escolares, o interesse é indispensável para que o aluno tenha motivos de ação no sentido de apropriar-se do conhecimento. A motivação é um fator que deve ser questionado no contexto da educação tendo grande importância na análise do processo educativo.

“O conceito de motivação evoca automaticamente o de actividade: a procura de conhecimentos, seja qual for o tema que esteja a ser trabalhado. De um modo geral isto engloba também a utilização de materiais e objectos com um fim concreto, que podem ir desde balanças, que iniciam as crianças nos conceitos de pesos e medidas, até jogos, que as ajudam a assimilar conceitos matemáticos ou a desenvolver a linguagem.” (Drew et all. 1987, p.17).

Ciclo motivacional:

- Necessidade: É o motivo, a razão de ser da ação. É provocada por um estado de desequilíbrio devido a uma carência ou privação.
- Impulso ou pulsão: É a atividade desenvolvida pela necessidade ou motivo, isto é, a energia interna que impele o indivíduo a agir num dado sentido.
- Resposta: É a atividade desenvolvida e desencadeada pela pulsão para atingir algo.
- Incentivo: É o objetivo para o qual se orienta a ação.
- Saciedade: É a satisfação decorrente de se ter atingido o objetivo pretendido.

Este comportamento sequencial aparece sempre que se repete a necessidade que o provoca.

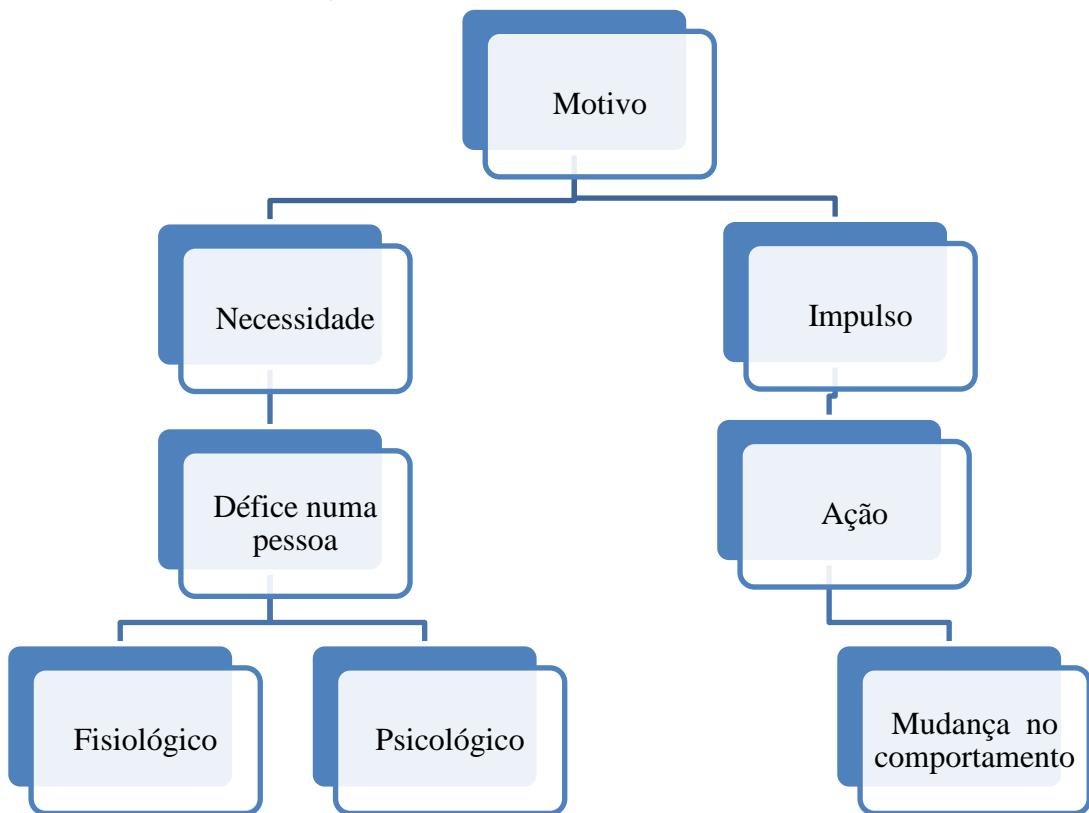
<http://filotestes.no.sapo.pt/psicMotivacao.html>

Qual é o motivo pelo qual um indivíduo se comporta de uma maneira e não de outra?

É a motivação que pode definir:

- Porque é que um indivíduo se comporta de uma determinada forma
- O que é que dá inicio a esse comportamento
- Qual a intensidade ou o grau de persistência desse comportamento

Componentes da motivação



- Frustração - quando um indivíduo não consegue atingir uma determinada finalidade, resulta em frustração, um estado psíquico de privação resultante da não saciação de uma motivação.
- Frustração primária - quando não existe objeto saciante.
- Frustração secundária - quando ocorre interposição de um obstáculo impeditivo da saciação.

(Bento J. G., Araújo, Magalhães, & Rocha, 1983, p. 115)

“A motivação é um tema extremamente vasto, visto ser pertinente em todos os contextos de existência (escolar, familiar, profissional, comunitário, político...) e para qualquer tipo de “tarefa existencial” (realização escolar e profissional, estabelecimento e manutenção de laços afectivos reconhecimento pessoal poder...).” (Fontaine, 1990, p. 97)



Motivação intrínseca

“Há um tipo de comportamento cujos mecanismos motivacionais não são nem os determinados pelos impulsos primários, nem pelos secundários; é o comportamento intrinsecamente motivado cujo reforço se encontra nos próprios actos instrumentais”. (Bento J. G., Araújo, Magalhães, & Rocha, 1983, p. 112)

- Tem origem no interior do sujeito;
- A sua base é a energia dentro do organismo;
- O aluno toma decisões internas quanto à quantidade de esforço que deve ser posto em cada situação de aprendizagem;
- Os comportamentos intrinsecamente motivados têm efeitos mais positivos no desempenho do que a motivação extrínseca, porque são originados pela vontade própria;
- Os alunos intrinsecamente motivados tendem a persistir na realização de tarefas quando os motivadores externos não estão acessíveis e desenvolvem auto – imagens reforçadas a partir do desempenho nessas tarefas;

Motivação extrínseca

- É devido a fatores que tem origem no exterior do sujeito: feedback, fatores ambientais ou fatores sociais;
- As estratégias motivacionais extrínsecas não são tão afetivas como as intrínsecas, devido à opção dos alunos em não persistirem na realização das tarefas que lhes estão destinadas;
- Os motivadores extrínsecos tendem a inibir o desenvolvimento da motivação intrínseca, podendo, a longo prazo, ter efeitos negativos no desempenho;

“...a motivação intrínseca é determinada pelo interesse do sujeito na tarefa a realizar enquanto que a extrínseca é estimulada pela presença dum reforço externo associado ao resultado de uma tarefa, reforço fornecido por pais, professores ou outros agentes educativos.” (Fontaine, 1990, p. 109)

Os tipos de motivação variam com a idade e o estádio de desenvolvimento. Há uma continuidade de fatores motivacionais que vão do extrínseco ao intrínseco:

Com as crianças mais novas, os motivadores predominantes serão determinados extrinsecamente. Durante a adolescência, há uma maior tendência para a motivação intrínseca se tornar crucial na aprendizagem.

Esta mudança apresenta ao professor estratégias a serem ajustadas à idade do aluno, ao estádio de desenvolvimento e ao nível de interesse.

A motivação é a força condutora por detrás de um comportamento que pode levar o aluno a participar em atividades de aprendizagem musical e a adquirir os conhecimentos e competências que constituem o seu núcleo fundamental.

“Os motivos intrínsecos são aqueles que são satisfeitos por reforços internos, não estando, não estando dependentes de objectos externos. Os motivos extrínsecos, ao contrário, dependem de necessidades que tem de ser satisfeitas por reforços externos.” (Sprinthall & Sprinthall, 1993, p. 508)

Fatores motivacionais

Os fatores motivacionais exercem uma profunda influência no desempenho intelectual das crianças e na realização de tarefas, incluindo as musicais, afetando:

- A maneira como podem empregar os seus conhecimentos;
- A forma como adquirem novas capacidades e conhecimentos;
- A maneira como transferem essas capacidades e conhecimentos para novas situações;

A motivação musical na perspetiva de diferentes autores

O modelo de **Dweck** (*Model of Achievement Motivation*), demonstrou que os padrões motivacionais das crianças influenciam o seu comportamento e o seu desempenho em situações de dificuldade ou de uma falha de uma maneira previsível.

Este modelo mostra como os objetivos particulares que as crianças prosseguem em tarefas cognitivas podem moldar as suas reações ao sucesso ou ao fracasso e influenciar a qualidade da sua futura performance cognitiva.

O realce é posto nos fatores psicológicos que, além das capacidades, determinam de que maneira um indivíduo adquire e usa as suas competências.

Porque é que as crianças têm diferentes performances musicais?

Não se deve a capacidades cognitivas, mas a:

- Esforço;
- Persistência;
- Tempo de estudo;

Porque é que umas crianças estudam mais do que outras?

- Razões extrínsecas (Pais/Professores);
- Fatores intrínsecos

Csikszentmihalyi, na sua teoria de *Flow*, sugeriu que as crianças com mais sucesso na música foram as que:

- Mostraram ter uma maior capacidade em desfrutar intrinsecamente das atividades musicais;
- Demonstraram possuir uma maior persistência face aos obstáculos;

- Demonstraram possuir uma maior capacidade de transformar as dificuldades em oportunidades de aprendizagem;

Flow é um estado em que a atividade em que o indivíduo se envolve o leva a entregar-se totalmente, disponibilizando todas as suas capacidades.

O que torna o *flow* tão intrinsecamente motivador é o facto de o organismo humano funcionar na sua plenitude. Quando isto acontece, a experiência em si é a própria recompensa.

A teoria de *Flow* de Csikszentmihalyi, sugere que uma experiência ótima requer um balanço entre iguais níveis de desafios e de competências, numa situação envolvendo um estado de intensa concentração. As atividades são vistas como agradáveis, quando o desafio é correspondente aos níveis de competência de um indivíduo.

O`Neill mostrou que as crianças que registaram um maior número de experiências de *flow*, foram aquelas que obtiveram maior evolução em termos de aprendizagem e *performance* num instrumento musical.

Segundo a teoria de Weiner, o estudo da motivação na *performance* musical assume que a maneira como os estudantes se vêem a eles próprios e à música influencia o quanto eles se irão empenhar em aprender música.

A importância da Motivação para a aprendizagem musical

A finalidade das expressões artísticas nos primeiros anos de escolaridade é contribuir para o pleno desenvolvimento da criança, possibilitando-lhe experiências integradas e globalizadoras.

A Expressão e Educação Musical constituem o ponto de partida de um processo formativo estruturado que visa contribuir para o desenvolvimento de cada criança, permitindo-lhe desenvolver o campo de possibilidades de interpretação do mundo, de exprimir o pensamento e de criar. Neste sentido, a área curricular de Expressão e Educação Musical procura que, através do próprio corpo ou através de instrumentos musicais, as crianças tenham acesso a um conjunto de vivências que lhes permita potencializar as suas capacidades, dominando progressivamente as suas potencialidades psicomotoras (Amaral, 2004)

A experimentação e o domínio progressivo das possibilidades do corpo e da voz deverão proporcionar às crianças o enriquecimento das vivências sonoro-musicais, estimulando e motivando a criatividade e o desenvolvimento da sensibilidade e do sentido estético.

Hargreaves (2008) é peremptório na afirmação de que o desenvolvimento das competências musicais deve ser estudado numa dinâmica de relação social, cultural e educacional, sendo a música um excelente meio de desenvolvimento, permitindo que a criança possa usufruir de satisfações imediatas. Considera-se que esta pode contribuir ao nível da comunicação verbal e não verbal, no que diz respeito a aspectos cognitivos, afetivos/emocionais e motores, ao mesmo tempo que promove a interacção e o auto-conhecimento.

Para a criança, a música, é um dado adquirido, que deve ser posto em prática para o seu bom desenvolvimento educacional e psicológico. Nela desperta o sentido do ritmo, da harmonia, da melodia; os seus acordes de variadíssimas tonalidades, prendem a atenção da criança e desde logo se assiste a uma manifestação espontânea de a vermos querer partilhar com entusiasmo, os sons que vai ouvindo dum modo particularmente feliz na medida em que sente à sua volta um ambiente harmonioso, calmo e de descontração, segurança e conforto, e que estimula o cérebro da criança, abrindo o seu leque de aptidões intelectuais futuras. As experiências com jogos musicais e pequenos concertos intuitivos, feitos exclusivamente para as crianças, são hoje corroborados pelas experiências clínicas, os progressos da neurociência e a pesquisa musical.

“Os jogos são uma simulação da realidade. Todas as crianças sentem uma enorme curiosidade pelas coisas da vida e os jogos dão-lhes oportunidades para estudar alguns dos seus aspectos. Quando intervêm em alguns ou inventam os seus próprios jogos o que, no fundo, fazem é personalizar a sua compreensão do mundo, para o enfrentarem à sua maneira.” (Drew et all. 1987, p.23)

Segundo Nye, a música é uma forma de manifestação artística e estética, e a beleza da criação musical é fundamental para o enriquecimento da vida humana. É, portanto, uma arte que faz parte da vida tornando-se importante que as crianças se apercebam dos sons que se podem ouvir e obter. Deste modo é necessário desenvolver nelas a sensibilidade, o sentido artístico e estético. Música é, assim, uma arte afetiva, baseada nos sentimentos que não podem ser, por isso, postos de lado. É oportuno salientar as ideias de Edgar

Willems (1970) ao afirmar que a educação é formadora de personalidade. Adicionalmente, defendia um ensino que potencializasse o desenvolvimento intelectual e sensorial e que tornasse o ser humano sensível.

A Educação Musical é concebida e construída tendo como principal objetivo ensinar elementos da música através da experimentação, possibilitando às crianças a reflexão e construção dos seus conhecimentos musicais. A qualidade do ambiente musical vivenciado na infância está intimamente relacionada com a aptidão musical de um indivíduo. Sabe-se que crianças auditivamente pouco estimuladas provavelmente não desenvolverão com plenitude o seu potencial musical. Os estímulos musicais vivenciados durante a infância terão um impacto significativo na capacidade de um indivíduo entender a música. Gordon (2000) afirma que uma criança nasce com um determinado nível de aptidão musical e esse nível muda de acordo com a qualidade do seu ambiente musical, formal e informal, até atingir os nove anos de idade. Este autor defende que através da música, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias e a tudo que as rodeia, sendo, por isso, mais capazes de desenvolver e sustentar a sua imaginação e criatividade. A música está presente todos os dias e durante todo o dia nas mais variadas formas na vida da criança. É através deste contacto, e depois canalizadas no sentido correto que elas poderão aprender a apreciar, ouvir e participar na música que acham ser boa. É com esta percepção que a vida ganha mais sentido. A música é um importante instrumento de interação, socialização e trabalho de grupo com as crianças. Desenvolve a coordenação motora, a expressão corporal e verbal, interação com uma manifestação artística, dotada de historicidade e cultura, donde salientamos os ensinamentos de Jacques Dalcroze. A música será com certeza um meio de intervenção, uma forma de saber que articula imaginação, razão e emoção. Tem um aspeto inclusivo terapêutico, pois auxilia no desenvolvimento de aspetos psicomotores, socialização, desinibição, impedimento inibitório, equilíbrio dinâmico e estático, através de jogos de uma exploração motivadora e criativa (Carl Orff), brincadeiras como cantigas de roda (Kodály), a estátua, dança da cadeira, entre outras. A criança diverte-se e aprende brincando! As sessões de expressão musical deverão ser concebidas numa perspetiva de descoberta por parte da criança. (Sousa, 2000)

A importância do professor como processo motivador.

É cada vez mais frequente a falta de motivação por parte dos nossos alunos. Parece haver uma falta de interesse para a aprendizagem, para a procura do conhecimento. Facto que tem vindo a acentuar, isto porque, nos dias de hoje, a busca pelo conhecimento tornou-se mais fácil. No passado para pesquisar sobre determinada área do conhecimento, era necessário ir até uma biblioteca, procurar por um livro ou artigo que corresponde-se ao que pretendíamos estudar. Hoje isso já não se processa nesses moldes. Está tudo mais simples, basta pegarmos num computador com ligação à internet e começar a navegar. Sim navegar num mar de conhecimento que é todos os dias actualizado nesta rede mundial que é a internet. Encontra-se lá de tudo desde da matemática ao português, história, música, entre tantas outras variadas áreas do saber.

Com este avanço das tecnologias e da procura do conhecimento mais facilitado, o papel do professor começa a perder alguma importância. O estatuto que o professor possuía como o “mestre” da sabedoria do conhecimento, já não é mais verdade aliás, nem nunca foi uma realidade. O professor é um ser humano como qualquer outro, não é nenhum “Deus” como no passado era quase cotado com esse apelido.

O estilo de ensino em que o docente é o centro do universo deixou de ser credível. O conhecimento científico do professor é hoje muitas vezes colocado em causa, isto devido, ao acesso facilitado ao conhecimento. O professor hoje tem de ser uma pessoa atenta estando sempre preparada para a evolução, porque se assim não for, o seu trabalho pode ser colocado à prova de forma constante. Tudo isto desenvolve devido à interacção que hoje em dia pode haver entre professor e aluno.

Com esta pequena introdução pode-se já obter uma pequena percepção do porque da presente falta de motivação por parte dos alunos nos dias presentes. Posso até tentar imaginar o interior da cabeça de uma criança dizendo para ela própria e perguntando-se o porque de ter de ir à escola, quando pode ter acesso a tudo no conforto da sua casa. Para que estes pensamentos não surjam, cabe ao professore/s dos nossos alunos, fazerem alguma coisa para poder mudar. Algo que capture a atenção, que faça com que o processo de aprendizagem na escola volte a ser um momento de partilha, de procura do conhecimento por forma voluntária.

Partindo do pensamento de Mosston¹ personalidade que estudou diferentes metodologias de ensino, começou por colocar o professor como centro na sala de aula até, dar liberdade de pesquisa aos alunos. “Um dos mais prestigiosos trabalhos efectuados neste campo é o do Espectro de Estilos de Ensino, idealizado por Mosston”.² Este autor fala-nos de seis tipos de ensino que podem ser postos em prática:

¹ Muska Mosston (1925-1994): criador do Spectrum de Estilos de Ensino.

² Extraído de Livro “Prática de Ensino em Educação Física - Estágio Supervisionado” de Alfredo Farias Júnior (1987)

Estilos de Ensino segundo Mosston

- Ensino por comando: onde o professor é o centro das atenções, é ele que comanda tudo o que se passa dentro da sala de aula, ele é detentor do conhecimento.
- Ensino por tarefas: neste estilo temos uma forma de aprendizagem mais centrada no aluno. O professor continua a ser o centro do processo de aprendizagem mas, os critérios são apresentados sobre forma de tarefas.
- Ensino por avaliação recíproca: o professor continua a ter um papel central mas, neste caso, nota-se mais um passo na independência de aprendizagem por parte do aluno. Sistema de avaliação que permite aos alunos se avaliar uns aos outros.
- Ensino baseado na programação individualizada: fala-nos de trabalho individualizado no qual cada aluno evolui consoante o seu próprio ritmo, desenvolvendo assim, o sentido de responsabilidade e iniciativa.
- Ensino por descoberta orientada: ensino em que o professor assume o papel de incentivador, controlando as actividades desenvolvidas pelos alunos. Assim sendo, a relação professor aluno começa a tingir um patamar mais informal.
- Ensino baseado na resolução de problemas: ajudar os alunos a aprender e não ensinar. O professor passa a ser um educador como sendo o “guia” para atingir determinada finalidade. O aluno é colocado no centro do processo educativo, tendo de ser o mesmo na formulação de problemas e consequente busca de respostas.

Conclusão

Com esta breve apresentação destes seis estilos de ensino idealizados por Mosston, surge-nos uma questão. Qual o estilo mais adequado? Uma pergunta que não pode ter uma resposta única. Cada docente deve optar por aquilo que achar mais fiável. Pode até optar por várias, uma para cada turma se assim for o caso. Sabemos que de turma para turma as realidades são distintas, por isso, o que poderá ser funcional para uns poderá não ser para outros.

Todo este trabalho tem como objectivo a descoberta da melhor forma de obter resultados em determinada turma. O professor tem de ser um actor que pretende cativar a atenção da sua audiência. Aqui está a verdadeira importância do professor como aspecto motivador para os alunos. É ele que irá escolher o que ele acha como melhor estilo de ensino, por isso, o que ele decidir irá tem interferência na motivação que irá transmitir perante os alunos.

A motivação é um factor que deve ser ponderado em contexto educacional. A motivação pode ser vista como sinónimo de acção, ser activo, dinâmico. É claro que todas as aulas não têm obrigatoriamente de ser activas, por vezes, é necessário parar e escutar. Tem de haver um meio-termo, não pode ser como se diz na linguagem popular “nem tanto ao mar nem tanto à terra”.

“A motivação é, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a acção, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objecto de satisfação. Isso significa que, na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. Na motivação está também incluído o ambiente que estimula o organismo e que oferece o objecto de satisfação. E, por fim, na motivação está incluído o objecto que aparece como a possibilidade de satisfação da necessidade.” (Bahia, 1999, p. 121)

Quando se fala em motivação fala-se em processos que poderão ser utilizados para podermos melhorar a atenção/concentração dos nossos alunos. Podemos dizer que motivação é a energia criada para mover sujeitos a realizar determinadas actividades. Para haver motivação é lógico que de parte dos alunos terá de haver uma predisposição para a realização de actividades. Mas, para que possa haver predisposição por parte dos alunos, não nos podemos esquecer, o ambiente que os envolve. O ambiente, a sala de aula, deve ser um espaço que procure ir ao encontro das metodologias utilizadas pelo professor que, por conseguinte, devem ser metodologias que vão ao encontro das expectativas dos alunos.

Por isso, o professor é o agente motivador, é ele que tem a capacidade e a responsabilidade de tornar a sua forma de ensino cativante. Deve descobrir estratégias, estímulos que vão ao encontro dos alunos. Tentar perceber o que cada aluno deseja saber para o poder incentivar a adquirir conhecimentos novos. Os alunos devem se sentir realizados ao nível educacional, por isso, as suas vitórias são a sua motivação. Agora é necessários que o professor ajude os alunos a chegar a essas tão gratificantes vitórias.

Bibliografia

- Almeida, L. S., & Tavares, J. (1998). *Conhcer, aprender, avaliar*. Porto: Porto Editora.
- Amaral, S. B. (2004). *Expressão musical: Significados e Significantes. Prespectiva Vivencial no Jardim De Infância*. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga. Colecção Thesauros.
- Bahia, A. M. (1999). *Psicologia: uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo: Saraiva.
- Bento, J. G., Araújo, H. G., Magalhães, J. B., & Rocha, C. P. (1983). *Psicologia*. Porto: Autores e Contraponto, edições.
- Drew, W., & et all. (1987). *Como Motivar os Seus Alunos-Actividades e métodos para responsabilizar os alunos*. Lisboa: Ed. Plátano.
- Fontaine, A. M. (1990). Motivação e realização escolar. In B. P. Campos, *psicologia do desenvolvimento e da educação de jovens, Vol I* (pp. 93-132). Lisboa: Universidade Aberta.
- Good, T. L., & Brophy, J. E. (1990). *Educational psychology. A realistic approach*. New York: Longman.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hargreaves, D. J. (2008). *Música y Desarrollo Psicológico*. Barcelona: Graó. Série Didáctica de la Educación Musical/126.
- Júnior, A. F. (1987). *Práticas de Ensino em Educação Física - Estágio Supervisionado*.
- Pinto, A. C. (1997). *Cognição, aprendizagem e memória*. Porto: Faculdade de Psicologia e de ciências da Educação.
- Rodrigues, C. C. (1985). *Motivação-Conceitos. Aspectos fundamentalmente Inatos*. Porto: Contraponto.
- Sousa, R. S. (2000). *Metodologias do ensino da Música para crianças*. Gaia: Gailivro.
- Sprinthall, N. A., & Sprinthall, R. C. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Wechsler, D. (1944). *Intelligence defined and undefined: A relativistic appraisal*. American Psychologist.

Willems, E. (1970). *Bases psicológicas da educação musical*. Bienne: Edições Pró-Música.

Sitografia

<http://filotestes.no.sapo.pt/psicMotivacao.html> consultado a 11-01-2012 Às 0h e 30m.